

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



BOXER, Charles (Sandown, 1904; Saint Albans, 2000)

Charles Ralph Boxer foi indubitavelmente um dos historiadores não portugueses que no século XX mais se ocupou de Portugal e do seu império ultramarino, bem como um dos que alcançou maior divulgação e reconhecimento. Isto apesar de não ter uma formação historiográfica formal e de a sua primeira vocação ter sido a das armas. Nisto seguia uma tradição familiar. Nascido na ilha britânica de Wight, Boxer era filho de Hugh Boxer, um oficial do exército caído em combate na Primeira Grande Guerra. Já vários antepassados seus tinham feito carreira nas forças armadas, ao longo do século anterior. A sua mãe, Jane (nascida Peterson), era australiana e provinha de uma família de proprietários rurais com raízes escocesas. Depois de ter passado por várias escolas durante a infância – incluindo um colégio católico em Gibraltar – e de ter adquirido desde cedo o interesse pela história marítima e dos impérios europeus, o jovem Charles ingressou em 1918 no prestigiado Wellington College, em Berkshire. Em 1922 e 1923 frequentou a Royal Military Academy de Sandhurst, ingressando logo de seguida no exército britânico (regimento do Lincolnshire).

Durante este período formativo, Charles dedicou-se, de modo autodidata, ao estudo das línguas que tão úteis lhe seriam em anos seguintes: holandês, português, francês, espanhol e japonês (mas não, com pena sua, o chinês). Paralelamente, iniciou os esforços de colecionador de livros e documentos históricos que prosseguiria toda a sua vida e correspondeu-se com figuras e instituições de destaque no ramo, no Reino Unido e fora dele, desde Edgar Prestage à Sociedade de Geografia de Lisboa. Em pouco tempo, estava em condições de publicar os seus primeiros trabalhos historiográficos – o primeiro de todos, inclusive, em Portugal.

Em 1930, devido ao seu já reconhecido conhecimento de línguas e culturas estrangeiras, Boxer foi destacado para o Japão como “*language officer*” (tradutor e ligação diplomática), tendo assim oportunidade de travar maior conhecimento com a Ásia oriental que o apaixonava. Foi durante essa estadia que visitou pela primeira vez Macau (já tinha estado em Portugal, em 1925). Regressaria à região em 1935, desta vez como oficial da Inteligência em Hong Kong. A sua biblioteca histórica, que intitulava *Bibliotheca Boxeriana*, cresceu consideravelmente neste período. Nesta cidade ainda passou por um breve e conturbado primeiro casamento e conheceu também a escritora norte-americana Emily Hahn, que viria a ser a sua segunda esposa e mãe das suas filhas. Na Segunda Guerra Mundial, o futuro historiador foi ferido aquando da tomada japonesa de

Hong Kong em 1941 e feito prisioneiro dos nipónicos, suportando anos de prisão e maus-tratos, que só cessaram com o fim da Guerra.

Findo o conflito, Boxer trocou também, definitivamente, a carreira das armas pela das letras. Regressando a Inglaterra, foi convidado a ocupar a “Cátedra Camões” de português/estudos portugueses no King’s College, em Londres, que fora em tempos ministrada pelo seu mentor, Edgar Prestage, mas que se encontrava vaga desde antes da Guerra. O seu trabalho consistiria mais em investigar do que em lecionar. Iniciando atividade em 1947, manteve-se nesta posição durante vinte anos, excetuando um breve interlúdio (1951-53) em que a trocou pela de Professor de História do Extremo Oriente (considerava-se, todavia, desqualificado para tal tarefa, devido ao seu desconhecimento da língua chinesa). Naturalmente, durante esta fase da sua vida a sua produção relativa às várias partes do império português (sempre no período pré-oitocentista) aumentou e desenvolveu-se.

Boxer veio ainda a residir nos Estados Unidos, integrando a Universidade de Yale entre 1967 e 1972 na qualidade de Professor de História da Expansão Ultramarina Europeia e lecionando como convidado em várias outras universidades, em particular a de Indiana. Retirou-se depois da vida académica ativa, regressando a Inglaterra, mas continuou a viajar, a dar ocasionais palestras e a escrever, embora sem a mesma frequência.

O trabalho historiográfico de Boxer inscreve-se em várias áreas de interesse, fortemente ligadas entre si. Numa fase inicial, o seu foco estava sobretudo centrado no Oceano Índico e na Ásia oriental, nos séculos que se sucederam ao primeiro contacto europeu com esses espaços. Escreveu sobre as primeiras relações entre o Japão e o Ocidente, mas também sobre Macau, a China e o sudeste asiático nessa ótica, dando foco à forma como as fontes europeias caracterizam as novas culturas com que se encontram e interagem. Nesses contactos vê os princípios do Orientalismo, termo que para este Autor não tem a conotação negativa que lhe daria Edward Said. A sua paixão pelo colecionismo erudito levou-o a catalogar e editar um grande número de obras literárias, tratados medicinais, relatos de viagem e outros documentos, na sua maioria originários dos séculos XVI a XVIII. Através desta base, estudou a história cultural no mesmo universo indico, em perspetivas como a história da edição, do conhecimento científico, das trocas interculturais, etc.

Não descurando essas temáticas, pode afirmar-se que o objeto do mais intenso estudo de Charles Boxer foram os impérios marítimos europeus, nomeadamente o português, o holandês e o espanhol – por ordem decrescente de atenção que dedicou a cada um (debruçou-se de forma mais esporádica sobre aspetos e agentes ingleses e franceses). Insere-se nestas áreas a maioria dos livros que publicou. Esses impérios levaram-no a sair da sua zona geográfica de eleição e a interessar-se também pelo Brasil e pela África ocidental. Procurou sintetizar as origens, características e funcionamento dos poderes talassocráticos, bem como traçar a narrativa das suas rivalidades e disputas. Nos navegadores portugueses e holandeses o britânico via os precursores do império da sua própria pátria, que tinham aberto o caminho à existência deste último. Sem chegar a adotar um discurso laudatório ou apologético, está presente nas suas obras uma certa

apreciação positiva do papel histórico desses impérios. Essa nota é menos notória nos seus escritos mais tardios, à medida que o panorama internacional – e, presumivelmente, o Autor – se transformava.

Boxer vê o império português, em especial no Índico, como resultado da tradicional explicação bifaciada enunciada (dita a lenda) por Vasco da Gama em Calecute, “cristãos e especiarias”, ou seja, esforço missionário e *cruzadístico* aliado à motivação económica. Segundo este historiador, a dicotomia entre a religião e o comércio, “Deus e Mammon”, ora interligados, ora em conflito, é a matriz do império português, em todas as suas possessões, da sua fundação ao seu declínio. Uma terceira faceta, a militar, é igualmente omnipresente, constituindo o molde em que as outras duas se inscrevem. Por essa razão, a par de analisar as políticas e instituições do império e narrar as suas conquistas e perdas territoriais, o Autor estuda o papel multifacetado das ordens religiosas e do Padroado e dedica alguma atenção às atividades económicas, nomeadamente a exploração do açúcar e, mais tarde, à prospeção aurífera no Brasil, bem como o tráfico escravagista (considera este tráfico o principal responsável pela ausência de desenvolvimento de uma colonização produtiva e estruturada em Angola até ao período contemporâneo). Procura ainda caracterizar a população do império. Neste domínio o seu foco está sobretudo no número muito reduzido da população branca e sua elevada mortalidade, bem como na frequente miscigenação étnica e cultural (por exemplo, no caso desta última, a “africanização” dos senhores de prazos na Zambézia). Essa miscigenação, ligada a um suposto maior apego às regiões onde se instalavam por parte dos portugueses, é apresentada pelo Autor como uma das causas do seu sucesso e permanência enquanto império, juntamente com a ação de missionação católica, que plantava raízes profundas, e aquilo que Boxer vê como a “determinação” natural do povo português; a este último fator é atribuída grande importância. Se o declínio do império índico fora inevitável, devido à competição holandesa e inglesa, Portugal tivera sucesso em recriar o seu império no Brasil – recuperando por algum tempo a prosperidade de outrora – e uma terceira vez em África.

O historiador destacava consistentemente nas suas narrativas o papel de atores individuais: agentes dos impérios, aventureiros privados, missionários e outros religiosos, etc. Numa época (meados do séc. XX) em que a historiografia se distanciava um pouco da produção de biografias, Boxer pautou-se pela apologia do modelo biográfico, da “vida e dos tempos”. Discorreu sobre a vida de figuras marcantes, como Salvador de Sá e Benevides e o Padre António Vieira (não chegou, porém, a completar a biografia deste último que planeava). Tinha um especial fascínio pela figura do guerreiro-letrado, com “numa mão a pena, na outra espada” e com ambas servindo a sua pátria, da qual eram exemplos Camões e Diogo de Couto, uma tradição na qual o próprio Charles, de certo modo, se inseria. Diogo de Couto era também um seu precursor como historiador, juntamente com João de Barros. O Autor dedicou-lhes artigos, admirando-os e vendo-os como os primeiros orientalistas, pelas descrições que deixaram das culturas asiáticas encontradas pelos portugueses, cujo potencial como fontes históricas é realçado.

A valorização das biografias não foi o único aspeto a diferenciar Boxer das tendências historiográficas do seu tempo. Face aos seus contemporâneos da célebre escola francesa dos *Annales*, as narrativas de



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Boxer são menos focadas em sistemas e estruturas socioeconómicas, menos assentes na Longa Duração e mais na sucessão de eventos políticos e militares, com grande importância atribuída a agentes individuais. Convém, contudo, não exagerar este ponto. Como já referido, o Autor não descurou a realidade económica como fator explicativo de império. Incluía com frequência dados quantitativos a este respeito (embora compilados por outros investigadores) e dedicou-se à análise de várias facetas da realidade social, desde o papel das mulheres no espaço imperial aos municípios ultramarinos. Não tem uma relação antagonística com os historiadores dos *Anales*, pelo contrário, cita elogiosamente Vitorino Magalhães Godinho e Jacques Le Goff.

Outros aspetos relevantes da escrita historiográfica deste Autor incluem um uso amplo da história comparativa (especialmente analisando em paralelo os vários impérios ou as múltiplas realidades dentro destes), o uso extensivo e meticuloso das fontes documentais (tendo travado conhecimento de fundos arquivísticos em Lisboa, Évora, Coimbra, Goa, Macau, Luanda e o Vaticano, para referir apenas alguns) e a procura da *neutralidade* histórica e rigor científico que o levou a demarcar-se de pontos de vista que considerava parciais ou comprometidos. Efetivamente, nunca se inseriu em nenhuma corrente ou “escola” historiográfica e manteve-se, regra-geral, afastado das polémicas e debates que dividem os historiadores.

Existe, porém, uma exceção importante, um caso em que tomou uma posição clara e a defendeu com vigor nas suas obras e na esfera pública: a questão do luso-tropicalismo e da discriminação racial no espaço imperial português. Opositor moderado do Estado Novo e sempre crítico de politizações da história, Boxer combateu a narrativa, fundada em parte numa interpretação abusiva das teorias do sociólogo brasileiro Gilberto Freyre, de que os portugueses eram mais predispostos à tolerância do que os restantes europeus (e à “miscigenação”) e, consequentemente, não teria existido no passado discriminação por linhas raciais nas suas colónias. Numa série de palestras, publicadas em formato de livro em *Race Relations in the Portuguese Colonial Empire 1415–1825* (1963), o historiador apresentou numerosos exemplos de discriminação institucional e social nessas linhas, argumentando que Portugal não era um caso único e que a discriminação e racismo faziam parte da sua experiência colonial, embora porventura em “menor grau” que das restantes. Realçava também as diferenças presentes em diversos tempos e locais. Independentemente dos méritos da sua análise, esta posição valeu-lhe ataques de historiadores portugueses afetos ao regime salazarista, em especial de Armando Cortesão – que Boxer citara noutras obras e de quem fora inclusive seu amigo pessoal. O governo português das décadas de 1950-60 via a ideologia histórica luso-tropicalista como essencial para a manutenção das províncias ultramarinas num mundo progressivamente mais anticolonial, pelo que o historiador britânico, até então encarado como um amigo de Portugal e um aliado da sua causa, era agora acusado de a ter atraído, juntando-se à legião de críticos, sabotadores e inimigos estrangeiros. Naturalmente, o Autor defendeu-se destas acusações, não sem o apoio de alguns, tanto portugueses como estrangeiros. Contudo, não se converteu num crítico regular do regime e da sua história oficial colonialista como fizeram outros historiadores do mesmo período, caso de James Duffy e Basil Davidson (CURTO, “The



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Debate on Race Relations...”, 2013, oferece uma excelente explanação do papel de Boxer nesta controvérsia). Charles Boxer era politicamente um conservador, sem o radicalismo anticolonial desses seus contemporâneos, e não parece ter tido objeções à continuidade da ocupação portuguesa dos territórios africanos.

Aparte deste percalço (cujas consequências foram, de resto, passageiras), Boxer esteve sempre intimamente ligado ao meio historiográfico português e a par dos desenvolvimentos mais recentes no mesmo, chegando a escrever artigos sobre o tema. Uma lista não extensiva dos historiadores e eruditos portugueses que cita nas suas obras inclui, para além dos já referidos Magalhães Godinho e Armando Cortesão, Damião Peres, Avelino Teixeira da Mota, Alexandre Lobato, António da Silva Rego, Orlando Ribeiro, Marcelo Caetano, Panduranga Pissurlencar, Virgínia Rau, Oliveira Marques e Jaime Cortesão, entre outros. Sempre cioso da sua neutralidade, o Autor referia e elogiou tanto historiadores afetos ao regime como mais próximos da oposição, não parecendo querer comprometer-se nem afastar-se de nenhum dos lados.

Já no campo mais reduzido dos historiadores lusitanistas não-portugueses, este Autor ocupou uma posição de centralidade. Como foi referido, era o herdeiro de Edgar Prestage em King’s College, e fundamentou-se por vezes nos seus trabalhos, bem como nos de outros predecessores, como George McCall Theal. Citou com maior ou menor frequência colegas – James Duffy, Eric Axelson, Richard J. Hammond, Harold Livermore, Elaine Sanceau, etc., e foi por sua vez citado por estes. Travou também conhecimento e nalguns casos relações pessoais com a “geração seguinte”, de que o melhor exemplo é talvez A. J. R. Russel-Wood.

O trabalho e contributo de Charles Boxer para a história dos impérios marítimos europeus e do Oceano Índico foi amplamente reconhecido e o Autor homenageado. Recebeu doutoramentos *honoris causa* das universidades de Utreque, Lisboa, Baía, Liverpool e Hong Kong. Entre as várias honras e distinções que lhe foram conferidas, podem salientar-se a Ordem de Santiago da Espada e a Grande Cruz da Ordem do Infante Dom Henrique, portuguesas, e o grau de cavaleiro da Ordem de São Gregório o Grande, pelo Vaticano, esta última devido aos seus trabalhos sobre história da missão. O historiador faleceu na sua casa, em 2000. Tinha 96 anos.

Bibliografia ativa

BOXER, Charles, *Salvador de Sá and the Struggle for Brazil and Angola 1602-1686*, Londres, The Athlone Press, 1952 (trad. portuguesa 1973); *Four Centuries of Portuguese Expansion, 1415–1825: A Succinct Survey*, Johannesburg, Witwatersrand University Press, 1961; *The golden age of Brazil, 1695-1750: growing pains of a colonial society*, Berkeley, University of California Press, 1962 (trad. portuguesa 1963); *Race relations in the Portuguese Colonial Empire*, Connecticut, Greenwood Press, 1985 (ed. original de 1963, trad. portuguesa de 1977); “Resposta a artigos de Armando Cortesão.”, *Revista de História USP*, vol. 28, no. 58 (April–June, 1964), pp. 405–408; *Portuguese Society in the Tropics*, Madison and Milwaukee, The University



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

of Wisconsin Press, 1966; *The Portuguese Seaborne Empire 1415-1825*, Harmondsworth, Penguin Books, 1969 (trad. portuguesa 1969); *The Church Militant and Iberian Expansion – 1440-1770*, Baltimore, Johns Hopkins University Press, 1978 (trad. portuguesa 1981).

Bibliografia passiva

ALDEN, Dauril, *Charles R. Boxer: An Uncommon Life*, Lisbon, Fundação Oriente, 2001; BENDER, Gerald e ISAACMAN, Allen, “The Changing Historiography of Angola and Mozambique.”, in FRYE, Christopher, *African Studies since 1945: A Tribute to Basil Davidson*, Londres, Longman, 1976; CABRAL, João Pina. “Charles Boxer and the Race Equivoque.”, in BETHENCOURT, Francisco e PEARCE, Adrian J. (ed.), *Proceedings of the British Academy*, vol. 179, *Racism and Ethnic Relations in the Portuguese Speaking World*, Londres, The British Academy, Oxford University Press, 2012; CURTO, Diogo Ramada “Introdução”, in BOXER, Charles, *Opera Minora*, Lisboa, Fundação Oriente, 2002; Id., “The Debate on Race Relations in the Portuguese Empire and Charles R. Boxer’s Position”, *e-journal of Portuguese History*, Volume 11, number 1, Summer 2013; WEST, S. George, *A list of the writings of Charles Ralph Boxer published between 1926 and 1984*, Londres, Tamesis Books, 1984.

Tiago Seixas dos Santos